



O PHAROL DE CORDOUAN.

De todos os monumentos d'este genero o pharol de Cordouan é o mais notavel pela amplidão de todas as disposições e partes do edificio e pela riqueza dos ornatos. Assenta n'um rochedo cercado do mar á foz do Gironda e a pouca distancia da ponta de Grasse, que muito tem custado aos engenheiros para a sub-

Vol. III. — 3.^a SERIE.

JUNHO 3, 1854.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

trahirem ás invasões do mar. Começado em 1584 por Henrique III foi concluído em 1610; porém, depois tem sido restaurado e acrescentado consideravelmente por varias vezes. A principio não lhe deram tanta altura, e é facil conhecer á vista do desenho que a parte superior ao remate das pilastras é de construcção mais moderna do que a inferior. Consta toda a obra de um terraço circular que forma a baze, e da torre do pharol que se levanta do centro. No recinto da baze estão distribuidos os alojamentos dos guardas e os depositos. A' entrada da torre no primeiro pavimento acha-se um vestibulo quadrado, quatro cubiculos onde moravam antigamente os guardas, e em frente da porta o começo da escadaria.

No primeiro andar ha uma sala das mesmas dimensões do vestibulo, que ainda se chama quarto real, tambem acompanhada de quatro gabinetes, adornados porém mais ricamente: d'esta sala vae-se á primeira galeria exterior que fica por cima da ordem dórica do pavimento inferior. O segundo andar era destinado para a capella: esta sala de forma circular, guarnecida de pilastras corinthias e de esculpturas de rara elegancia, é fechada por uma abobada espherica; d'antes tinha duas ordens de janelas, uma das quaes foi supprimida quando se tratou de altear a torre. Na segunda parte d'esta não ha quartos nem cubiculos, é toda ella occupada por uma escada monumental de bellissimo aspecto. Hoje não se fabricam construcções de tal natureza com tamanha sumptuosidade; dadas as condições de solidez edificam-se convenientemente ao seu destino.

SUA Magestade a Senhora D. Maria II. (1)

Sunt lacrimae rerum, et mentem mortalium
tangunt.

VIRGIL. — ENEID.

Remota custodia militari, tutior publici
amoris excubiis pergebat.

SUET. IN CESAR.

Arcum suum tetendit... et in eo paravit
vasa mortis.

PSALM. VII, V. 14.

UMA noite antes da vespera do dia assignalado pela catastrophe (domingo 13 de novembro) a rainha assistia no theatro lyrico á representação da opera *Hernani*. Na flor da vida e da idade, cheia de agrado, e descuidada de que a morte voasse ao seu lado, mostrava-se tão segura, que todos tiraram ditoso presagio do contentamento, que brilhava nos seus olhos. Quando se ergueu para sair correu a vista pela platéia com um sorriso meigo e familiar. Quem diria então que era uma despedida eterna?

Entretanto as suas ultimas horas apressavam-se na ampulheta: o termo da gravidez achava-se proximo; e as apprehensões dos homens da sciencia não encobriam grandes probabilidades de perigo. Superior aos terrores, e mantendo até ao ultimo instante a firmeza natural do animo, a rainha não se preocupou, nem concedeu attenção ao risco eminente. O dia 14 correu socegado, como o antecedente, e tal como os subditos a viram serena e jovial, assim a contemplavam no paço quantos algumas horas depois tinham

de deplorar a sua perda. No despacho conservou-se affavel e solícita, sem a mais leve sombra de melancolia, ou de receio. Visitando repetidas vezes os aposentos dos principes, repartiu por elles os affagos usuaes e as advertencias do costume. De tarde recreou-se com o passeio pelos jardins, e depois do occaso do sol, ainda o serão chegou até perto de dez horas sem a minima alteração.

Logo depois annunciam-se os primeiros signaes, mas sem indícios de gravidade. Chamados ao paço os facultativos, o cardeal patriarcha, capellão-mór, o conselho de estado, e os ministros, todos aguardavam o successo, alentados com as esperanças que da real camara iam dando os medicos, illudidos no principio pelos enganosos auspícios que annunciava o parto. Esperava-se por um dia de ventura, e em lugar das rosas e jubilos da pompa natalicia, mão invisível sacudia já as insignias funebres do pranto nacional. O Rei dos reis tinha disposto, que o ultimo beijamão da senhora D. Maria II fosse na capella ardente das Necessidades, e que o derradeiro *vale* dos subditos á soberana se desse aos som dos canhões do funeral debaixo das abobadas de S. Vicente!

A viuva de D. Pedro, a imperatriz Amelia, segunda mãe pelo amor da senhora D. Maria II, a infeliz princeza, que parece reservada por especial predestinação para todas as dôres infinitas, apenas recebeu aviso, dirigiu-se ao paço. Constante no seu posto, heroica até onde é dado sel-o, vê começar o perigo, vê desfallecer as esperanças, vê finalmente a vida fugindo, e a morte avisinhando-se, e desmentindo a ancía do peito, continúa a esconder á moribunda, que ainda o ignora, o doloroso e inevitavel transe!

Adoça-lhe o fel das angustias com palavras de ternura e de conforto; e depois quando é tempo, falla-lhe de Deus e da morada celeste; disfarçando sempre a realidade, convida-a a preparar-se religiosamente, mas como simples prevenção. Imagem christã da Niobe antiga como a tristeza é sublime no seu rosto! Mãe desherdada de sua filha, esposa separada de seu marido, irmã chorosa de seus irmãos, de pé entre quatro tumulos, que íntima e lacrimosa voz não levantaria ao céu no instante de esgotar a derradeira afflicção, e de chorar pela quarta vez a perda de um affecto entranhavel, o ultimo que no mundo lhe restava? Que pergunta resignada ao Senhor não subiria do fundo d'este coração retalhado no meio do immenso pranto de tal hora, sobre a ruina de tantas esperanças, e no calvario de tão grandes martyrios?

Contavam-se dezenove annos justos que recolhêra dos labios do senhor D. Pedro o suspiro final. Fazia vinte que o principe Augusto, seu irmão, fechára os olhos nos seus braços. Tinham decorrido onze mezes apenas desde que a princeza Amelia partira a unir-se aos outros cherubins, que a chamavam. Que destino e que valor! Envolta no triste véu da viuvez, supporta a pezada cruz sem um gemido, e como o anjo consolador da Providencia, apparece suavizando maguas, e minorando penas junto d'aquelles, que acaba de fulminar a terrivel dôr da orphanidade.

Mas a senhora D. Maria II era uma alma tambem formada com a mesma rijeza heroica. N'esta provação, a maxima de todas, porque adiante d'ella não ha esperanza, e a vista devassa já o mysterioso silencio da eternidade, a sua constancia não quebrou, e o peito nunca se trahiou. As horas da manhã succederam-se sinistras. O aviso de um dos facultativos declara a quantos o cercam o perigo que mal

(1) Continuação de pag. 164.

se podia acreditar ainda. A imperatriz toma sobre si a missão de prevenir a rainha para receber os socorros espirituaes sem sobresalto. Um capellão, enviado pelo cardeal patriarcha, ouve a derradeira confissão da senhora D. Maria da Gloria, e pouco depois foram administrados os sacramentos, edificando a humildade e contricção da soberana moribunda. O seu valor depois de uma operação trabalhosa e prolongada, e a grandeza de espirito com que sem o mais leve signal de pezar encarou o termo da existencia, compungiam e admiravam a todos os espectadores d'esta scena cheia de lances crueis, e maguada por quantos sentimentos pungentes é capaz de exprimir a amargura humana!

- As dôres excessivas não lhe perturbaram o animo. No soffrimento paciente excedeu o heroismo guerreiro. Dominando-se venceu mais do que a impetuosa coragem dos campos de batalha. Lá tudo excita os sentidos e as forças; aqui tudo conspirava para consternar e abater. Eram os annos de contentamento e de esperanças roubados á sua vigorosa mocidade tão rica de dias. Eram as ternuras de esposa, sentindo-se morrer duas vezes com a separação irremediavel. Eram as saudades de mãe não podendo socegar sobre as lagrimas e o desamparo das prendas do seu amor. É a par de todos estes trances, que torrentes de pranto em olhos queridos para lhe desarmarem a conformidade! Quantas penas e memorias unidas no profundo côrte de uma agonia rapida, mas immensa!

Entretanto nem a grandeza, nem a mocidade lhe arrancaram um suspiro. Da terra não quer outras lembranças senão o carinho do esposo, e a doce imagem dos filhos, que até ao derradeiro instante não cessa de metter no coração. Do throno não se recordou, como soberana, senão para recommendar os bons e leaes serviços. As despedidas finaes foram meigas e suaves; e junto do leito o marido de joelhos apertava ainda o corpo nos braços, e já a alma tinha voado aos pés do Altissimo! A rainha tinha deixado de padecer, como se adormecesse. Tão de leve pousou a morte, que enganava fingindo ares de vida.

A's onze horas e meia da manhã a senhora D. Maria II descansava junto de seus avós.

O conselho de estado ouviu a triste nova penetrado de profunda commoção; e entrando na real camara para beijar aquella mão já fria, as lagrimas saltavam dos olhos de todos os seus membros. Qual d'elles, diante do cadaver da soberana de Portugal, não tinha uma divida de gratidão a memorar?

D'ali o tribunal dirigiu-se á presença do novo rei o senhor D. Pedro, e rendeu-lhe as homenagens devidas ao successor da corôa. Depois é que o senhor D. Fernando prestou o seu juramento na qualidade de regente do reino.

Ao meio dia de 13 de novembro de 1853 tinha findado o governo da senhora D. Maria II, e principiava o reinado do senhor D. Pedro V!

É a capital descuidada esperava a cada hora pelos signaes de jubilo, e com elles pela nova do feliz successo!

De repente uma voz confusa e incerta, vinda sem se saber de onde, espalhando-se por muitos logares ao mesmo passo, divulga-se, corre, chega a toda a parte por cem bocas, estala a todos os ouvidos como um trovão, levando o terror consigo, e enchendo de assombro a quantos colhe na sua rapidez fatal:

A rainha morre! a rainha é morta!

No começo a grandeza da catastrophe provocou a incredulidade sublime do povo. Negava á certeza para minorar a dor alguns minutos. Por fim a evidencia de que a orphandade descêra em curtas ho-

ras sobre o reino e sobre o throno, não deixando pretexto á duvida, prostrou os animos, e apoz o terror do primeiro espanto, a saudade de todas as classes, e a justiça de todas as opiniões, antecipando-se ao juizo da historia, saudaram a memoria da princeza com o testemunho das excelsas virtudes, joias da sua breve, mas gloriosa carreira.

A 18 de novembro foi no paço o ultimo beijamão de côrte. O atahude já estava fechado.

O dia 19 era o destinado para o prestito funebre, saindo das Necessidades, se dirigir ao jazigo dos reis em S. Vicente. N'este dia a filha devia juntar-se com o pae debaixo d'aquellas abobadas, aonde dormem ha dous seculos tantas gerações de principes.

Como vae mudo e lento, rojando lutos, ao som dos canhões, o funeral da rainha! Como estão em harmonia com a expressão do sentimento popular, estampado em todos os semblantes, os gemidos lugubres das musicas, e o som destemperado das caixas! Que immenso concurso é aquelle, estendendo-se por duas alas desde o palacio quasi até ao templo? É o povo acompanhando pela ultima vez ainda a sua soberana até a depositar ao lado do imperador, chamado como ella antes de tempo para receber a palma dos sacrificios.

No meio da guarda de honra dos cidadãos o prestito official parecia mesquinho, e desapparecia diante da magestade do espectáculo da grande e bella homenagem nacional, que se estava tributando. Os corpos da guarnição, e os batalhões de segunda linha, marchando calados e de frontes inclinadas, atravessavam por entre a população apinhada nas ruas e praças, e iam occupar os seus postos. Por muitas faces crestadas dos combates manavam as lagrimas. A multidão via-as, e uma voz ás vezes exclamava compadecida: aquelle chora; ainda é dos do Min-dello!

O clero, n'este meio tempo rezava as ultimas encommendações nas Necessidades; e na sala contigua á camara ardente, diziam-se missas continuas em sete altares pelo eterno repouso da rainha.

Depois bateu a hora de seguir o seu caminho para a derradeira morada; e segundo o estylo a familia real devia acompanhar o corpo até a saída do palacio. N'este novo e esteril tormento, imposto pelo uso, e proscripto pelo coração, todas as feridas se abrem, e a voz affogada recusa-se de ordinario a cumprir a final cerimonia. Quem mandou rodar o coche funebre com a phrase do costume: «Pode vossa magestade andar!» foi a viuva de D. Pedro! Para ella ainda este golpe e este calix mais!

A's duas horas e meia da tarde o prestito chegou a S. Vicente. A's sete da noite uma salva de vinte e um tiro, e tres descargas de mosquetaria por todas as tropas, annunciaram que a senhora D. Maria da Gloria, a filha de D. Pedro, a rainha dos portuguezes tantas vezes invocada nos trabalhos e nas batalhas, acabava de desaparecer para sempre no eterno silencio do tumulo. Aquelle estampido fôra o ultimo adeus do mundo! (1)

L. A. REBELLO DA SILVA.

(1) Para esta informe noticia sobre assumpto, que pela quadra de mestre, devemos grande auxilio aos copiosos subsidios ministrados pelo nosso bom e respeitado amigo o sr. marquez de Rezende.

Seria falta indesculpavel deixar de o confessar, e seria roubar tambem a algumas circumstancias curiosas, que relatamos, o caracter de authenticidade que lhes dá a informação de um cavalheiro testemu-

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

VIII.

Mau successo das armas ottomanas: discordias intestinas; primeiras relações directas entre a Inglaterra e a Turquia: grande triumpho na Hungria: progressos da decadencia do imperio.

OS TALENTOS e energia do grão-vizir Sokoli tinham podido neutralisar, durante todo o reinado de Selim II, os elementos de desorganisação, que se haviam introduzido na administração do estado. Mas no reinado d'Amurath III, filho de Selim, não gosando do mesmo grau de confiança, que obtivera sob o governo dos dous ultimos soberanos, os seus esforços foram pouco a pouco tornando-se infructuosos, até que o punhal do assassino veio roubar ao imperio uma de suas mais fortes columnas (1578). Posto que o seu poder estivesse muito limitado, e por conseguinte assaz diminuida a sua acção benéfica, a sua morte foi para a Turquia uma perda mui sensivel. Continuas perturbações em toda a extensão do imperio vieram fazer, durante o resto do reinado d'Amurath III, hem sentida e a todos patente a falta d'aquella intelligencia e d'aquelle braço, que sustentavam com firmeza as redeas do governo, apezar de tantas influencias maleficas, que tendiam por um lado a debilitar o poder, e por outro a desenvolver o espirito de resistencia e desordem.

Em Constantinopla rebenta uma sublevação dos janisaros, os quaes, querendo se oppôr á circulação de uma nova moeda, cercam e assaltam o serralho, e obrigam o sultão a entregar á vingança dos revoltosos os ministros, que tiveram parte n'aquella medida. No Egypto insurgem-se as tropas contra o governador. N'outras províncias apparecem varios impostores, que sob falsos nomes attrahem grande numero de partidarios com que accendem a guerra civil. E finalmente no meio de novas revoltas dos janisaros vê-se Amurath III constringido a dar a demissão a dous grão-vizires, a augmentar o soldo d'esta milicia turbulenta, e a admittir-lhe os filhos nas suas fileiras apenas chegados aos vinte annos.

Amurath appellou para a guerra como um meio para pôr termo ao espirito de insubordinação, que lavrava no exercito. Romperam pois as hostilidades com a Persia, e mais tarde com os austriacos. Porém as armas ottomanas não puderam alcançar triumphos assignalados nem na Asia, nem na Europa. As pequenas vantagens, que conseguiam, eram contrabalançadas com graves perdas e penosos sacrificios, que enfraqueciam e desmoralisavam o exercito. Debalde enviou o sultão ao theatro da guerra o estandarte sagrado, que segundo a tradição pertencia ao propheta. Esta reliquia tão reverenciada dos musulmanos não produziu effeito algum na tropa. A sua presença nem excitou enthusiasmo, nem foi remedio para a desorganisação do exercito. D'est'arte o governo turco se via forçado algumas vezes durante estas campanhas a propôr ou aceitar a paz com desfavor.

na presencial dos factos, actor na grande scena em que succederam, e pela sua posição e relações especiaes o mais no caso de conhecer, não só as apparencias, mas as origens e as razões secretas das cousas.

Tambem tiramos de um escripto nosso já publicado o que nos pareceu convir ao desenho d'este esboço; porque em assumptos como este não ha phrases nem idéas novas. O que a commoção dicta é o que deve escrever-se.

Foi n'este reinado que tiveram principio as relações da Inglaterra com a Turquia. Em 1583 enviou a rainha Isabel um embaixador a Constantinopla com o fim de negociar um tratado commercial, que concluiu, obtendo para o commercio inglez privilegios e franquias iguaes aos que os francezes gozavam exclusivamente.

Amurath III falleceu em janeiro de 1595 aos cincoenta e quatro annos de idade, e vinte de reinado. De character fraco e supersticioso, inimigo de toda a casta de trabalho e dado com excesso aos prazeres; sempre dominado ora pelas damas do harem, ora pelos validos, que se succediam continuamente uns aos outros; este principe concorreu muito para o incremento que tomou a audacia dos janisaros e a indisciplina do exercito. As suas irresoluções e timidez deram corpo por vezes á revolta, e foram causa de auctoridade real sair sempre d'estas luctas desairosa e desacatada. Entretanto, posto que sob o seu governo o imperio caminhasse a passos largos para a decadencia, alguns raios de gloria, devidos aos esforços dos grão-vizires Sokoli, Sinan, Osman e Ferhad, vieram dourar de longe em longe as paginas da historia ottomana n'este periodo de vinte annos.

Amurath deixou por successor a seu filho Mahomet III. O primeiro acto do novo soberano foi o assassinio de seus dezoito irmãos, que segundo o barbaro uso introduzido por Mahomet II, e seguido pelos seus successores, mandou matar para assegurar a tranquillidade do imperio.

O tempo das conquistas tinha acabado para a Turquia, e os principes visinhos haviam tomado a offensiva. A Valaquia, pretendendo emancipar-se da suzerania dos sultões, não tardou a dar principio ás hostilidades; e o exercito mandado pela Sublime Porta para castigar o principe rebelde foi completamente derrotado junto ás margens do Danubio. A este primeiro revez seguiram-se outros não menos graves.

Ao mesmo tempo que as armas ottomanas experimentavam na Valaquia tão consideraveis perdas, as tropas austriacas atacavam Buda e outras praças da Hungria, fazendo todos os esforços para expulsar os turcos d'este paiz. E por tal modo a fortuna desamparou o estandarte das meias luas, que o sultão mandou fazer preces publicas durante tres dias para implorar a protecção divina (1595).

N'este apuro resolveu-se Mahomet III, por instancias do seu grão-visir, a collocar-se á frente do exercito, a fim de o animar e moralisar. No verão seguinte partiu este soberano de Constantinopla, e assumindo o commando em chefe das tropas, foi dar assalto á praça de Erlan, que tomou por capitulação ao setimo dia do assedio. Mas pouco tempo depois, vindo-lhe sair ao encontro o exercito christão commandado pelo archiduque Maximiliano e pelo principe Sigismundo de Transylvania, e que tarde chegara para soccorro d'Erlan, travou-se renhida peleja. Em tres differentes batalhas esteve indecisa a victoria, até que a final os hungaros e allemães acometeram os turcos com tanto impeto e coragem, que já senhores de toda a artilheria inimiga, e do acampamento, incluindo as proprias barracas do sultão, se aprestavam para recolher os immensos despojos, que lhes eram abandonados quasi sem resistencia, quando uma carga de cavallaria, que se achava emboscada, habilmente dirigida, espalha de improviso a desordem e o terror nas fileiras christãs, e arranca-lhes das mãos a palma do triumpho (26 d'outubro de 1596). Perto de cincoenta mil homens morreram n'esta acção, ou victimas do alfange musulmano, ou asfogados nos pantanos visinhos.

Não colheu porém Mahomet as vantagens, que tão

assignalada victoria lhe promettia. Aborrecido dos trabalhos da guerra, para os quaes tinha grande repugnancia, e impaciente de se ver na sua capital cercado de prazeres e commodidades, deu por finda a campanha e voltou para Constantinopla.

Os successivos reveses das armas ottomanas tinham causado na capital tão profunda sensação, tinham incutido em todos os animos tanto terror e descoroamento, que a victoria alcançada por Mahomet III foi solemnizada como até ali nunca o fôra triumpho algum. A entrada do sultão foi festejada com as mais brilhantes pompas. A maior parte da população saiu a recebê-lo fóra da cidade, bem como todos os funcionarios. As ruas do transito foram cobertas de ricas alcatifas, e o soberano era victoriado entusiasmaticamente entre chuvaes de flores e nuvens d'incenso. Duraram sete dias os festejos publicos. Baki, o mais celebre poeta lyrico da Turquia, cantou esta victoria n'uma bella composição.

No anno seguinte recommçou a guerra na Hungria, que não cessou até ao fim do reinado de Mahomet III, e quasi sempre desastrosa para os turcos. Na lucta que se empenhou entre a Turquia e a Persia no anno de 1603 não foram mais felizes os ottomanos.

A's perdas e sacrificios causados pela guerra vieram as revoltas acrescentar novos males. Um aventureiro, intitulado-se o principe Solimão, irmão do sultão Selim, consegue reunir partidarios e accende a guerra civil. Mais dous impostores, tomando falsos nomes, provocam graves desordens em diversas localidades. Os janisaros insurreccionam se em Aleppo, tres mil estudantes põem a Karamania em estado de perfeita anarchia; no Yémen rompem serios alborotos; na capital por duas vezes o corpo de sipahis levanta o estandarte da rebellião, e finalmente no anno de 1603 é descoberta uma conspiração tramada por Mahmoud, principe herdeiro, que é condemnado á morte, e executado por ordem de seu pae.

N'este mesmo anno morreu Mahomet III victima da superstição, que o levou a acreditar as palavras de um derviche, que passava por santo, e que lhe vaticinou a morte dentro de cincoenta e seis dias, o que bastou para o fazer adoeccer deveras até o conduzir ao tumulo.

Os progressos que n'este periodo fez a indisciplina do exercito, annullando a força publica; a fraqueza do governo desvirtuando a auctoridade real; a violação da maior parte das instituições creadas pela illustrada politica de Solimão I e de outros grandes legisladores, tirando todo o prestigio á lei; a relaxação n'algumas praticas religiosas, principalmente no uso do vinho, corrompendo os costumes; a venalidade dos empregos, elevando aos primeiros cargos homens de pouco ou nenhum merecimento, e acabando ao mesmo tempo com o poderoso estímulo dos premios; a inhabilidade e a falta de zêlo dos funcionarios, augmentando a desordem em todos os ramos da administração publica; as dividas dos reinados anteriores, e as enormes despezas occasionadas por oito annos de guerras desastrosas, desbaratando as finanças, e obrigando a lançar contribuições onerosissimas, muito além do que o permitia o estado de desenvolvimento da industria do paiz; todos estes elementos de desorganisação fizeram sensivel a todas as vistas durante este reinado a rapidez com que progredia a decadencia do imperio.

Entretanto é de justiça confessar que Mahomet III fez esforço, quanto era compativel com o seu caracter fraco e irresoluto, para combater alguns d'estes germens de dissolução; mas a falta de energia frustrou as suas diligencias. Quando pretendia acabar com um abuso qualquer, via-se constrangido a empenhar lucta com individuos ou corporações. D'estas luctas porém saía sempre vencido e as vezes desacatado.

(Continúa.)

L. DE VILHENA BARBOSA.



O SILURO OU BAGRE DA EUROPA.

(*Sylurus glanis.*)

ESTE peixe, que a moderna industria da piscicultura ha poucos annos tem procurado naturalisar em França, é como o solho um dos maiores, ou talvez o maior de todos os peixes de agua doce; alcança

enorme tamanho chegando a pesar ás vezes trescentas libras. É gordo e saboroso, tem uma especie de toucinho como o porco, e por isso é estimado para alimento. Acha-se em grande quantidade nos gran-

des rios e lagos do norte e de parte da Europa central; não existe porém, salvo sendo transportado em pequeno, na França, na Hespanha, na Italia, nem nas ilhas britannicas. É raro no Rheno e nos lagos da Suissa; abunda no Danubio, no Elba, na maior parte dos rios da Russia, tanto os que desembocam no Baltico como os que desaguam no mar Negro. No mar Caspio ha tanta copia d'estes bagres que se vendem mui baratos. Pertence á ordem designada por Cuvier-malacopterygios abdominaes.

Os habitos do siluro são singulares: mantem-se no fundo das aguas lodosas; mas sobe á superficie quando ha temporaes, que até algumas vezes o arremecam ás praias. É mui voraz; nutre-se de toda a casta de peixe e até de aves aquaticas; diz-se que nem poupa a gente; em 3 de julho de 1700 foi apanhado um nas cercanias de Thorn, e achou-se-lhe na barriga uma creança inteira.

Conta-se que na Hungria tem sido tragados por siluros rapazes no acto de tirar agua dos rios. N'esse reino seccam a gordura d'estes peixes e servem-se d'ella como unto de porco para temperar legumes; geralmente se faz da mesma bom azeite para luzes: com a sua bexiga ou buxo se prepara uma colla mui tenaz. Os paizanos russos e tartaros usam da pelle secca do siluro como de vidraças nas casas.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO VIII.

O carroção. — Pobre. — Ceta tuera ceci.

ESCREVER contra o carroção é escrever contra a pena de morte. (1)

Aos homens voluntariamente degradados da sua posição de honra nós imporemos o carroção como a Angola, as Pedras Negras ambulantes dos scelerados sublimes.

«Andou de carroção!» Não é o mesmo que dizer «aquelle homem abdicou da sua dignidade, conspirou contra a civilisação do seu paiz, oppoz resistencia á torrente do progresso?» (2) Folhetinistas illustres! Vós, que escrevestes essas palavras tremendas, porque não viestes em meu auxilio, quando cheguei ao Porto, para me preservar do immenso perigo a que me expunha a minha boa fé de viajante? R. G., C. C. B., vós, os dous unicos homens a quem eu era recommendado, porque me não salvastes do abysmo aonde caí por vossa culpa? Barbaros! Chamaes crime o andar de carroção; pois cáia o meu crime sobre as vossas cabeças, e as de toda a vossa descendencia! Só depois de transpostas por mim as portas fatidicas d'aquelle matadouro ambulante, é que vós levantastes o grito de guerra contra o sumidouro da saude publica! Eu accuso-vos á posteridade, porque abandonastes um vosso irmão da imprensa nas fauces sedentas d'um devorador da civilisação; a mim que sou, como vós, um filho querido do caminho de ferro?... oh!!!...

Mas o que é o carroção? Leitor, quem quer que sejas, ainda que me detestes, Deus Nosso Senhor te livre sempre de seres triturado no fundo cavernoso d'aquelle vehiculo assassino! O carroção é um caixão de proporções deformes, biconvexo, barrado de

vermelhão por baixo, e dos lados, e coberto com uma tampa de couro negro. Este aparelho de morte anda montado sobre quatro rodas de carro, e arrastase dolorosamente por uma junta de bois transparentes. O pezo do carroção sobe de quarenta até oitenta quintaes, quando não tem passageiros! É esta a locomotiva mais apparatusa que possui a cidade do Porto, ainda que tambem a que offerece mais duvidas e incertezas á theoria do movimento. Um dia pela manhã, dia fatal! vi entrar para dentro do carroção uma familia do meu conhecimento. Convidaram-me para os acompanhar á Foz, e eu accitei. Imprudente! Parece-me ver ainda aquella horrora machina de tortura, e sinto-me gelar só com a lembrança do martyrio atroz que então soffri! Depois de vinte minutos de tentativas inuteis para a fazer mover começou enfim a rolar pezadamente, como se fosse trepando a rampa do progresso contra a torrente da civilisação. No fim de uma hora de rotação via-se ainda o ponto da partida! Eu fazia esforços desesperados para abafar os gemidos que a dor me arrancava a cada giro que faziam as rodas. E o carroção, cambaleando, atirava comigo ora sobre um, ora sobre outro dos meus companheiros, que habituados áquelle horrendo sacrificio estavam soccadamente em guarda, e recebiam os meus encontros com uma verdadeira resignação de martyres. A conversação, animada ao principio, achava-se interrompida havia muito, e entre dez pessoas que ali estavamos, reinava um silencio de morte. Foi em vão que pretendi mostrar-me superior á situação. Tenho soffrido muito nas minhas longas peregrinações, mas nunca passei por uma prova d'aquellas! As minhas costellas estavam perfeitamente deslocadas; os ossos começaram a dobrar-se-me como se eu estivesse n'um violento exercicio de gymnastica. Passaram assim tres horas. O meu amor proprio revoltava-se á idéa de manifestar o soffrimento diante de estranhos. E o carro mortuario ria, chiando nas bochechas da segunda cidade de Portugal, passeando o seu fossilismo repugnante pelas ruas principaes, como um sarcasmo, uma ironia viva a escarnecer da industria, das artes, das sciencias, do vapor, do caminho de ferro, do telegrapho electrico, dos aerostatos, e de nós todos que o soffremos sem murmurar!...

No fim de cinco horas, avistamos a *porta nobre*. Tinha-se passado meio dia para atravessar a distancia que um homem anda a pé em vinte minutos! Era muito. Pela minha parte declarei solemnemente que não queria morrer senão ao ar livre, e atirei comigo pela porta do carroção como quem foge d'uma jaula de tigres. Era tempo. Os meus pés, que não contavam já tornar a passear pela terra as sollas dos meus botins, notaram sem admiração que as pernas se tinham esquecido do seu uso, e aconselharam-me prudentemente a que me assentasse. Arrastei-me o melhor que pude para a borda do caes, e sentei-me sobre o muro. Achava-me n'um estado lamentavel, e carpindo o meu ruim destino, puz-me a contemplar o maldito carroção que passava. De repente senti uma vertigem, que por pouco me não precipitou no rio. Encostei-me á muralha, e comecei a passar-se em mim alguma cousa de extraordinario. O meu corpo foi assaltado por uma febre violenta que me turvou a vista, fazendo girar todos os objectos em torno de mim.

Fechei os olhos. Immediatamente veiu um turbilhão de vento, que arrastou comigo pelos ares. Deixei-me ir. Chegando a uma grande altura achei a atmospherá humida, e o ar frio; o meu primeiro cuidado foi abotoar a casaca para me não constipar.

(1) Folhetim do Nacional do Porto de 21 de agosto de 1852.

(2) Idem de 27 de agosto do mesmo anno.

O turbilhão que me conduzia augmentava de velocidade a todos os momentos. O ar estava cada vez mais frio; tive curiosidade de ver por onde ia, mas não sei que vago presentimento, ou que voz mysteriosa, me dizia aos ouvidos, que não abrisse os olhos, porque no mesmo instante caíria na terra. Resisti á tentação, e seguí a minha ascensão precipitada. O ar começou a aquecer repentinamente, e dentro em pouco fazia um calor tão insupportavel que me obrigou a tirar a gravata. D'esta vez, não me pude conter, e espreitei abrindo só um cantinho d'um olho. Vi tudo escuro, e tornei logo a fechá-lo. O meu conductor fez um grande movimento, e senti que já não subiamos. Tornei a espreitar, e foi tal a minha admiração que estive quasi precipitando-me na terra. Achava-me no paiz das sombras; e tive occasião de notar o desfastio com que todos os escriptores mentiram quando escreveram sobre este reino. Logo á primeira vista não conheci ninguém; viam-se unicamente as sombras passando incessantemente de um para outro lado; mas quando os meus olhos se habituaram áquella noute sem fim, o primeiro objecto que chamou a minha attenção foi um grupo de sombras que estavam debaixo de algumas oliveiras. Zoroastro conversava amigavelmente com Luthero e o padre Antonio Vieira; Juliano o apostata, Calvino, Freret, Boulanger, e Voltaire, ouviam com grande satisfação uma prelecção de Bossuet. A este tempo appareceu o marquez d'Arlandes de braço dado com Pilastre de Rosiers, e este ultimo mettendo a mão na algibeira, tirou uma lanterna de furta-fogo que trazia escondida (as luzes são prohibidas no reino das sombras) e veio metter-m'a á cara. «Quem és?» me perguntou o marquez d'Arlandes. «Ninguém», murmurei eu. «Sabes quem somos?» Excellentissimas sombras, creio que foram vossas excellencias quem aperfeiçoou os aerostatos. Bem; podes-te retirar; conceder-se-te-ha o que queres. Ha cincoenta annos que saíste da terra, d'aqui a outros cincoenta deves lá estar, e então serás satisfeito.» Eu não sei o que queria, mas o marquez acabando de proferir estas palavras obrigou-me a retirar um pouco, faltou-me o terreno, e precipitei-me, começando a descer com a rapidez do raio.

Vinha scismando como seria possível gastar cincoenta annos até á terra, quando haviam poucas horas, segundo me parecia, que d'ella tinha partido; e concluí as minhas reflexões, suppondo que o marquez d'Arlandes e Pilastre de Rosiers eram dous grandes maganões, ainda mesmo depois de tornados em sombras. A' vista da celeridade com que eu descia entrei a pensar seriamente no modo porque chegaria ao mundo sem me espedaçar, quando vejo um grande fumo que descia das nuvens, formando uma especie de mar á minha esquerda. Oh prodigio! Um barco de vapor sae do meio d'aquelle fumo, e vae navegando para a terra!

Vinha cheio de respeitaveis sombras; umas que eu conhecia de vista, outras de nome, e muitas em que nunca tinha ouvido fallar. A honrada sombra de James Watt gravemente sentada sobre a tolda do vapor, seguia com a vista todos os movimentos da machina, e parecia vangloriar-se ainda da sua invenção. A não menos illustre sombra de Jones Fulton vinha ao leme; era um direito que todas as outras pareciam reconhecer-lhe, e mesmo James Watt, porque foi Jones Fulton quem applicou o vapor á navegação.

Junto á sombra de Fulton estava Fontenelle revendo e annotando a ultima edição dos *Dialogos dos Mortos*. O famoso Franklin, que roubou o raio ás nuvens e o sceptro aos tyrannos, com o capitão Frank-

lin que devassou os polos, observavam o sol com os seus sextantes, combinando entre si as differenças da Bussola. Eu não estava em mim de pânico e ao mesmo tempo de satisfação. Vendo-os tomar a altura tive appetite de saber aonde estava, e comecei a ruminar algumas phrases em mau inglez para perguntar a que longitude me achava da terra. Depois de algumas cogitações gritei com toda a força: *What longitud are we by your log-book, sir Franklin!* O capitão passou o oitante sobre a meia laranja, veio direito á borda do navio, e escreveu por fóra com gis: *The long. 2895° and lat. 1357°, 25!*

Mas como eu não sabia por que meridiana se governaria um navio em semelhantes alturas voltei á carga: *How does the land bear of us!* A sombra do illustre viajante tornou a escrever na borda com a mesma impassibilidade: N. N. O. Não percebi nada, mas não querendo dar a conhecer o meu fraco a tão distinctos personagens, agradei a delicadeza do capitão: *Thank you, sir! Good time!* Ainda não tinha acabado o comprimento quando vejo um grande aerostato com azas correndo direito a mim. Chegou perto e vi que tambem estava cheio de sombras; era governado por Montgolfier, o inventor dos balões. Logo depois appareceu outro guiado por Charles Howards; depois outro por Pilastre de Rosiers; outro pelo marquez d'Arlandes, depois appareceu o navio aerio de Petin, o aerostato militar de Berthollet, de Fourcroy, de Guyton e de Monge; e em seguida um sem numero de navios com azas e todos cheios de sombras, navegando de conserva comigo e com o vapor! Eu vinha sempre descendo com a mesma rapidez. Tinhamos a terra á vista, já se distinguíam os campanarios das igrejas e os altos das chaminés, balões, navios, vapor, e eu, voava tudo atravez das nuvens! Quando cheguei perto fechei os olhos para não para não vêr o sitio onde ia fazer-me pedaços; eis que me seguram por um braço e começo a ser levado ainda mais rapidamente no meio de um grande estrepito. Olho e vejo-me dentro de uma carroagem a vapor que voava por um caminho de ferro. Ao meu lado estavam assentadas as sombras de Cugnot, de Georges e de Roberto Stephenson. Chegamos a Boa-Vista, e eu sem saber em que viria a dar tudo aquillo. Já lá estavam todas as outras sombras, e havia um grande movimento de carroagens, de vapores e de balões. Tinham com effeito passado cem annos desde que eu saíra da terra, mas ainda havia carroção. As sombras constituíram-se em tribunal. Comecei a comprehender. Cugnot o primeiro que applicára o vapor ás carroagens, tomou a presidencia. Fontenelle foi nomeado secretario, em attenção aos *Dialogos dos Mortos*, de que as sombras tinham gostado muito. O carroção metteu-se em processo, julgou-se e sentenceou-se; condemnando-se, além d'isso a familia do inventor e do possuidor, a ser exterminada implacavelmente até á centessima geração. Lavrada a sentença escolheram a illustre sombra do grande Franklin, o inventor do conductor para raios, para a pôr em execução. A atmospheria estava toldada; Franklin experimentou se haveria n'ella bastante materia electrica e vendo que sim, preparou um pagão de papel com o fio conductor electrico; deitou-o ao ar, segurando a extremidade do fio, e mandou formar todos os carroções em linha. No fim de dez minutos os raios do céu, desciam ás mãos da illustre sombra que fulminava com elles os carroções.

Tinha chegado a este ponto o meu sonho da febre, quando um estrondo surdo me despertou; era o vapor que vinha da Foz; olhei para outro lado...

maldição! o carroção continuava a passar. Oh! sombras venerandas de James Watt e de Jones Fulton, não serei eu quem desacate a vossa honrada memoria! Corri para o caes onde o vapor ía tocar, e embarquei para a Foz. No fim de meia hora, largamos e ainda fomos passar defronte do carroção ao Bicalho. É incrível como se soffre semelhante caranguejola n'uma terra que se diz civilisada! Antes não haver meio nenhum de transporte do que expôr aquelle vehiculo carniceiro á vista dos viajantes! E todavia, quando eu fazia estas considerações descendo no vapor *Duriense*, lembrou-me aquelle famoso capitulo da *Notre-Dame de Paris*, que tem por titulo *Ceci tuera cela*, e achei meio de o applicar entre o navio e o carroção. *Cela tuera ceci*, disse eu designando o carroção e o vapor. É uma simples modificação; mas é tão verdade que o livro ha de matar o edificio, como é verdade que aquella ridicula viatura ha de matar a navegação! Oh! *Cela tuera ceci!* repito. Deixem o carroção mudar a sua materia prima em todos os paizes, substituir o ferro á madeira, o vapor aos bois ou aos cavallos; deixem-no montar outras rodas sobre um carro de ferro, e unir entre si todos os povos do mundo, e então de nada servirá o navio. O caminho de ferro, esse prodigio dos tempos modernos, que levou tantos seculos primeiro que a sciencia o concebesse, o caminho de ferro arrojou a humanidade pela estrada do progresso, a um ponto aonde ella só chegaria d'aquí a dous mil annos! Dentro em pouco o viajante pode almoçar em Lisboa, jantar em Vienna d'Austria, ir á theatro a S. Petersburgo, e no outro dia á noute tomar soccadamente uma sopa de' ninhos de andorinha em qualquer cidade do celeste imperio! E por isso, *Cela tuera ceci*.

Mas em quanto não converterem o carroção em caruagem a vapor, ou pelo menos em um *omnibus* decente, a minha religião, e a minha dignidade de homem obrigam-me a confessar que aquelle instrumento de tortura é a vergonha d'um paiz livre.

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

I.

SE aquelles aventureiros portuguezes dos seculos 15.^o e 16.^o, que primeiro devassaram as costas de Guiné e do Congo, as ilhas do Atlantico, as ondas ainda virgens do cabo das Tormentas, e finalmente a India, o Japão e a China, olvidaram pela maior parte legar á posteridade a relação de suas navegações atrevidas; nós, seus pobres netos, sem seguirmos a honrosa senda que elles nos talharam, imitamos só o seu imperdoavel descuido. Quando de todos os prélos do mundo saem continuamente curiosas narrações de viajantes estrangeiros, causa dó vêr que só os descendentes dos Gamas e dos Andrades, com rarissimas excepções, deixam na carteira os apontamentos das suas viagens. Eu, o mais obscuro de todos os navegadores nacionaes, carecendo dos talentos necessarios para escrever uma obra de vulto, tenho ao menos quanto cabe em minhas debeis forças diligenciado esquivar-me a essa bem merecida censura, lançando ao papel algumas notas do que vi em minhas extensas peregrinações por mares e terras longiquas, e entregando esses fragmentos ao publico por meio da imprensa. Ainda ha pouco ahi appareceu a narração da minha ultima viagem sob

o titulo de *Um passeio de sete mil leguas*, e o bom acolhimento que recebeu do publico foi um poderoso incentivo para me resolver a emprender este novo trabalho: ali fallo principalmente da Asia e alguma cousa da Europa; aqui reunirei o mais notavel das minhas differentes excursões na Africa occidental e sul da America. Oxalá que estas paginas encontrem ao menos iguaes sympathias do publico.

Nascido n'este seculo de decadencia para Portugal não tive a fortuna de partilhar as glorias de nossos antepassados; só me coube a sorte de navegar em regiões conhecidas e em monotona paz! Faltarão pois a estas narrações as brilhantes peripecias da descoberta e da guerra; e se o genio do *tourista* não souber entrançar na corôa de folhas seccas do prosaico navegador algumas flores ainda viçosas com as reminiscencias da mocidade, o livro será um reflexo pallido do viver no mar, quando os dias se succedem em desesperadora calma. Procurarei pois amenisar estes fragmentos com o pequeno quinhão de poesia que Deus repartiu comigo; e fugindo sempre dos impertinentes apparatus de uma erudição bafosa, diligenciarei contar ao leitor o que vi e o que senti durante alguns annos da minha juventude por esses climas ardentes; sem faltar á verdade, mas evitando descripções prolixas, desagradaveis personalidades ou outra qualquer inconveniencia. Como não foi uma vez só que as necessidades do serviço da armada me levaram ás plagas de Africa, e é por esta parte do mundo que vou começar a promettida narração, escolherei qualquer das viagens para baze d'este fraco edificio, e pouco escrupuloso para com a chronologia, referirei em cada ponto o que mais interessante ahi houver notado, e as reminiscencias das differentes vezes que por ahi passei, attendendo pouco ás duas unidades de tempo e de acção. É mais uma vez que soffrem infracção as regras!

Agora ao assumpto.

II.

CORTA as ondas, meu veleiro brigue! O norte fresco assovia pelas enxarcias, as velas enfunadas por elle fazem vergar os mastarés, a agua rebenta em flor sob o gume da tua airosa prôa... corre, corre, meu veleiro brigue!

A terra da patria lá nos fica pela pôpa. A esteira, que o navio deixa na sua veloz fugida, parece que leva as nossas lembranças ao seio dos amigos, dos parentes, da amante... se a ha. Resignemo-nos com a sorte! Ainda um ultimo olhar para essas ribas queridas, um derradeiro adeus a esses montes que não tardam a esconder-se... depois o céu e o mar.

Olha: não vês no topo d'aquella collina o palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, que se illumina como para uma festa com os raios obliquos do sol que vae mergulhar-se? É uma vista phantastica; parece uma mansão encantada; realisa um sonho de fadas! Vê o astro a declinar, e as luzes a descorarem nos vidros das janellas, como se a um tempo diminuissem a todas o oleo ou o gaz que as alimentavam.

Aqui tens outro espectáculo magnifico: as torres, as cupulas, os arrendados do castello da Penna; essas massas de granito que por entre verdura e prateadas torrentes acompanham o declive da serra até ao seu limite, o cabo da Roca. Lá fogem para o norte e para o sul as costas de Portugal... já apenas se divisam afumadas no distante horisonte: adeus, terra da patria, ás vezes madrastra, mas a quem sempre queremos como á melhor das mães... adeus, adeus!

(Continúa.)

F. M. BORDALO.